

REVISTA CEARENSE DE

ESTUDOS POLÍTICOS

JULHO DE 2019 - EDIÇÃO 2



ESPORTE

A indissociável relação entre a
nacionalidade brasileira e a
cultura esportiva

SOBRE A REVISTA

Esta publicação é editada por membros da Comissão de Estudos Políticos da OAB/CE, com finalidade de compartilhar com o público os debates empreendidos dentro da instituição, em ambiente com posições políticas diversificadas e, muitas vezes, antagônicas. Os artigos aqui apresentados não tem compromisso acadêmico e representam opiniões individuais de seus autores, sem que estas sejam necessariamente endossadas por esta Comissão ou mesmo pela Ordem dos Advogados do Brasil - Seccional Ceará.



COMISSÃO DE ESTUDOS POLÍTICOS

OAB/CE

2019-2021

ISAAC SANDRO PINHEIRO ANDRADE
Presidente

ANTÔNIO KEVAN BRANDÃO PEREIRA
1º Vice-presidente

ELIZABETH ALECRIM SOARES COELHO
2ª Vice-presidente

FRANCISCO SALES DA SILVA MARTINS
Secretário-geral

ISMAEL BARBOSA DE SOUSA
Secretário-geral adjunto

AINNE BARBOZA
Membro efetivo

ANA PAULA GUIMARÃES DE BRITO
Membro efetivo

ANDERSON ROCHA LOBO
Membro efetivo

BIEVENIDO SANDRO ANDRADE FIUZA
Membro efetivo

DAVID BARROSO PEREIRA
Membro efetivo

DIEGO PARENTE DE FREITAS
Membro efetivo

ELAYNE MOURÃO CATUNDA FARIAS ANDRADE
Membro efetivo

EVANDO CRISÓSTOMO FILHO
Membro efetivo

FELIPE COSME DE ALENCAR TAVARES
Membro efetivo

FRANCISCO HUMBERTO BEZERRA ALENCAR
Membro efetivo

HELENA STELA SAMPAIO
Membro efetivo

HENRIQUE TORQUILHO ALMEIDA
Membro efetivo

JOSÉ GONÇALVES FEITOSA
Membro efetivo

JOSÉ LUCAS ARAÚJO SIMER
Membro efetivo

LUCAS MACEDO LOPES
Membro efetivo

MAXWEMY ANDRADE VIEIRA
Membro efetivo

RACHEL FIGUEIREDO VIANA MARTINS
Membro efetivo

RÔMULO EDUARDO OLIVEIRA BENEVIDES
Membro efetivo

FELLIPE DE SOUZA FIRMIANO
Membro consultivo

EDITOR

ISAAC SANDRO PINHEIRO ANDRADE

EDITORIAL

ISAAC ANDRADE
PRESIDENTE DA CEP

A Seleção masculina voltou ao topo da América. A Seleção feminina ficou nas oitavas, mas conquistou algo muito mais importante: o coração e apoio dos brasileiros, que acompanharam como nunca as mulheres canarinho. Você foi um dos que torceu para o Brasil? Ou é daqueles que torceram para perder, porque "seria melhor no atual momento"? Política e esporte andam juntos desde o *Panis et circenses*, mas a interminável crise brasileira tem levantado questionamentos inéditos sobre a relação do cidadão com a Seleção. Nesta edição, convidamos você a ler oito artigos que envolvem temas políticos e esportivos.

Críticas, elogios, sugestões? Basta enviar uma mensagem para o nosso perfil @oabce.cep no Instagram.

NESTA EDIÇÃO

03



A FAMÍLIA REAL
BRASILEIRA

08



O ABISMO
ORÇAMENTÁRIO ENTRE OS
CLUBES DO CAMPEONATO
BRASILEIRO DE FUTEBOL

14



TEM TRANS NOS
ESPORTES

17



COM QUATRO LINHAS
SE CONSTRÓI UMA
PONTE

20



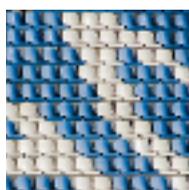
POLÍTICA E FUTEBOL
NÃO SE DISCUTE

22



PARLAMENTARISMO
ESPORTIVO

26



O USO DA BIOMETRIA NOS
ESTÁDIOS COMO FERRAMENTA
PARA REVERTER O CONTÍNUO
PROCESSO DE REDUÇÃO DE
PÚBLICO

32



FUTEBOL E INCLUSÃO
SOCIAL

A FAMÍLIA REAL BRASILEIRA



A FAMÍLIA REAL BRASILEIRA

POR:
ISAAC ANDRADE

O que sustenta uma nação é uma história em comum. Sem isso, não somos nada; somente um conjunto de pessoas geograficamente próximas, presas a um Estado fictício e imponente a quem não devemos nada, exceto desprezo e desconfiança. O historiador Thomas Bender define as nações como “um acordo coletivo, parcialmente coercitivo, para afirmar uma história em comum como base para um futuro compartilhado”.

Judeus passaram séculos dispersos, mas a memória de Abrãao os manteve unidos. Podiam estar distantes, mas a ideia de Israel sobreviveu. Os britânicos, por sua vez, sustentam há mais de mil anos o mito da família real. Mesmo para os abolicionistas, é a tradição que une o país. Nem mesmo as divisões do Brexit podem fazer um londrino sentir-se menos inglês, ou ter vergonha das cores e símbolos de sua nação. Sabem que, apesar do momento, um futuro compartilhado os espera. Para o bem ou para o mal, estão todos no mesmo barco. Estas histórias, por mais que não sejam acreditadas ou apoiadas por toda a população, oferecem a cola social necessária para mover pessoas a trabalharem coletivamente em prol de algo maior.

Qual é a nossa história? O que une um país cuja formação é tão recente? Por que, afinal, somos tão brasileiros quanto os amazonenses e os gaúchos? Certamente não é o Grito do Ipiranga ou a saudade do Império do Brasil. A falta de cola social não é um problema exclusivamente nosso, mas sim algo comum a praticamente todas as ex-colônias, nascidas da mistura étnica e de um Novo Continente que começava “do zero” (ao menos para os seus invasores).

Outros países latino-americanos apegaram-se a mitos de um passado distante para encontrarem sua harmonia. Os peruanos abraçaram sua ascendência inca; os mexicanos ratificam a cultura asteca como patrimônio nacional. Mas nós não temos nenhuma opulência milenar. Não falamos tupi-guarani. Não tivemos uma batalha memorável que nos libertou dos nossos terríveis colonizadores. Na verdade, quem declarou nossa independência foi o herdeiro do Reino de Portugal.

Nós temos, é verdade, uma cultura em comum: o português brasileiro, a culinária, o folclore, a música. Mas nada disso, nem de longe, tem um efeito maior do que o grande elemento agregador da nação: a Seleção Brasileira de Futebol. Essa é a nossa história em comum. Essa é a nossa cola social. Eis o nosso mito fundador.

É impossível não se sentir brasileiro quando a lendária cor amarela entra em campo. Não há nenhum momento na vida deste país em que as pessoas acumulem mais bandeiras do que durante a Copa do Mundo. Pode esquecer o 7 de setembro, um mero feriado útil para viajar durante o final de semana. É na hora do jogo da seleção que cantamos o hino nacional, que vestimos a camisa, que encontramos familiares e amigos distantes, que unimos força em um só interesse, independentemente das opiniões de cada um.

Assistimos empolgados aos heróis do presente, descendentes da linhagem real de Pelé, Garrincha, Zico, Romário e Ronaldo. Gigantes que realizaram feitos incomparáveis, que demonstraram ao mundo a grandeza da nossa nação. Não importa se você gosta ou não gosta de futebol: não é uma opção sua para escolher. A nação brasileira é coercitiva. Você pode desligar a televisão, viajar, vestir a camisa de outro país. Mas sempre que se voltar ao Brasil, será empurrado de volta ao fluxo contínuo da Seleção como parte indissociável da cultura nacional.

Não há símbolo que represente melhor o Brasil do que a Seleção. Um conjunto de africanos, indígenas, europeus, asiáticos, pobres e ricos. Como bem escreveu Roberto DaMatta, o futebol demonstrou “que o desempenho é superior ao nome de família e cor da pele. Ele foi o primeiro instrumento de comunicação verdadeiramente universal e moderno entre todos os segmentos da sociedade brasileira. [...] não discrimina tipos físicos e classes sociais. O sujeito pode ser preto ou amarelo, alto ou baixo, culto ou ignorante, mas o que interessa é que saiba jogar”.

Ter a maior instituição da história no esporte mais popular do mundo é um privilégio brasileiro. Nacionais de outros países amam ou odeiam a Seleção, mas raramente são indiferentes. Esse é o nosso grande soft power. Ninguém pelo mundo afora sabe o nome do nosso presidente ou dos seus antecessores, mas sabe muito bem quem é Neymar, Ronaldinho e Pelé.

**"ASSISTIMOS
EMPOLGADOS
AOS HERÓIS
DO PRESENTE,
DESCENDENTES
DA LINHAGEM
REAL DE PELÉ,
GARRINCHA,
ZICO,
ROMÁRIO E
RONALDO"**

A polarização que vive o Brasil hoje é sintoma de uma crise de nacionalidade. Não é um problema político: é um problema de identidade. Esquecemos o que significa ser brasileiro. Abandonando o amor ao esporte sob um falso pretexto de “intelectualismo”, de não estar sujeito à “lavagem cerebral”, terceirizamos nossas paixões futebolísticas para assuntos de Estado. Minha opinião e meu partido são maiores do que os seus. Eu sou mais brasileiro que você. De 2014 para cá, chegaram a cometer o acinte de se apropriar dos símbolos nacionais. As cores, o hino e a bandeira viraram exclusividade de um único lado na política. Quem usá-los na rua, será identificado como apoiador. Quem discordar, está proibido de vestir a camisa da seleção.

Não surpreende que, a cada dia mais, o amor pela Seleção esteja esfriando. Mal vemos crianças jogando futebol. É frequente ouvir por aí que as pessoas não têm mais interesse pelos jogos do Brasil e não sentem mais vontade de torcer. Gerações ruins, já tivemos várias. Corrupção nunca vai acabar. Jogadores mimados e indisciplinados sempre existiram. Em outros tempos, batemos palmas e os tornamos em ícones. As desculpas são muitas, mas todas insuficientes.

Torcer pela Seleção vai resolver os problemas do país? Obviamente não. Mas nos ajuda a enfrentá-los juntos, unidos, na esperança de um futuro compartilhado. Quando deixamos de promover uma história em comum para a nação, deixamos de dar liga à nossa sociedade. Absorvidos por um sentimento nacional, entendemos que o sucesso do Brasil é maior do que qualquer presidente da República ou partido que esteja no poder.



Isaac Sandro Pinheiro Andrade é advogado, contador e cientista político. Possui pós-graduação em Direito Tributário, em Filosofia e em Direito Eleitoral. Mestre e doutorando em Ciência Política. É sócio da Exitus Consultoria Empresarial e Presidente da Comissão de Estudos Políticos da OAB/CE pelo triênio 2019-2021.

O ABISMO ORÇAMENTÁRIO ENTRE OS CLUBES DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL



O ABISMO ORÇAMENTÁRIO ENTRE OS CLUBES DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL

PQR:
RÔMULO BENEVIDES

O ano de 2019 marca o apogeu dos clubes cearenses na era moderna do futebol brasileiro. Depois de um lapso de 26 anos, finalmente temos duas de nossas principais equipes (Fortaleza e Ceará) figurando na elite do Campeonato Brasileiro. Todavia, este ano de “glória” precisa ser encarado como um ano de desafios, diante do abismo financeiro existente entre as equipes que disputam o principal campeonato nacional – a Série A do Brasileirão.

Os balanços financeiros de 2018 (os de 2019 só serão divulgados no início de 2020) dos clubes brasileiros demonstram a colossal diferença de receitas entre o clube que mais arrecadou – a Sociedade Esportiva Palmeiras (com uma receita de R\$ 653,9 milhões) – e o que contou com o orçamento mais modesto – O Ceará Sporting Club (com uma receita de R\$ 64,8 milhões). Para complementar os dados, destaca-se que o Fortaleza Esporte Clube contou com um modesto orçamento de R\$ 44 milhões para conseguir o tão sonhado acesso à Série A.

Os estudos financeiros costumam focar sua atenção no montante arrecadado pelos clubes, por entender que o caduco modelo de gastos desenfreados (e impensados) já não é mais utilizado. Assim, os investimentos seriam proporcionais ao que é arrecadado. Todavia, mesmo reconhecendo os esforços das grandes equipes do futebol brasileiro em sanear suas dívidas (especialmente Flamengo e Palmeiras – que figuram como os casos paradigmáticos da atual fase de modernização da gestão administrativa dos clubes de futebol no Brasil), o estudo anual realizado pelo Banco Itaú BBA aponta um crescente aumento do endividamento das equipes da Série A (subiu de R\$ 6,424 bilhões – em 2014 – para R\$ 7,274 bilhões – em 2018), bem como uma diminuição na arrecadação (caiu de R\$ 5,348 bilhões – em 2016 – para R\$ 5,115 bilhões – em 2018).

A queda na arrecadação pode ser explicada pelo fim do período de recebimento das luvas (bônus de assinatura de contrato) pagas pelas emissoras (Grupo Turner – TNT e Esporte Interativo – e Grupo Globo – Globo, Sportv e Premiere), que teve seu auge em 2016, bem como a estagnação das arrecadações diretamente com torcedores, que oscilam em R\$ 1 bilhão por temporada. A arrecadação com a área comercial está em queda, tendo batido R\$ 706 milhões em 2018. Um indicador que tende a ficar ainda pior em 2019, pois no início do ano a Caixa, que patrocinava dezenas de times, abandonou o futebol.

Sobre o aumento das dívidas, apontamos a ainda persistente irresponsabilidade (e falta de preparo) da maioria dos “cartolas” (dirigentes) do futebol brasileiro como sendo o principal fator para o contínuo aumento das dívidas. Pouquíssimos são os casos dos gestores que entendem a gravidade da situação financeira de seus clubes e buscam alternativas para aumentar as receitas e, principalmente, diminuir as despesas. A simples rolagem da dívida (pagamento apenas dos juros) ou a mudança do perfil da dívida (de curto prazo para longo prazo) podem até conferir uma maior folga no orçamento atual, mas poderão gerar danos ainda maiores para o futuro, visto que a situação caótica vivida atualmente resulta da adoção de medidas desta espécie pelas administrações pretéritas.

Como efeito comparativo, vale ressaltar, ainda, a imensidão da diferença entre os valores de faturamento do Brasileirão em comparação com as outras grandes ligas do futebol mundial, com destaque para as seguintes: Inglaterra – R\$ 25,44 bilhões, Alemanha - R\$ 14,82 bilhões; Espanha – R\$ 14,37 bilhões; Itália – R\$ 10,37 bilhões; e França – R\$ 7,91 bilhões.

A apresentação dos números e comentários de forma conjunta nos ajudam a apontar a direção que o mercado do futebol brasileiro está seguindo, bem como nos auxilia na comparação com outros mercados. Todavia, a principal intenção deste artigo é cuidar dos caminhos que os gestores dos grandes clubes cearenses (especialmente, Fortaleza e Ceará) vêm adotando para buscar aproximar-se, ainda mais, do “clubinho” dos grandes clubes do futebol brasileiro.

Ao analisarmos os dados apresentados por Fortaleza e Ceará, podemos observar os méritos de seus dirigentes, visto que, mesmo passando por uma temporada de transição (Fortaleza retornava à Série B – depois de 8 anos de martírio – e Ceará buscava a permanência na Série A), fecharam o ano com um déficit de apenas R\$ 7 milhões – no caso do Fortaleza – e R\$ 2 milhões – no caso do Ceará). Este aumento da dívida não é o desejável, mas é algo aceitável (e compreensível) diante do referido momento de readequação do nível esportivo que as equipes viveram na temporada de 2018.

Como justificativa para a adoção de um modelo “mais arrojado” de gestão financeira por parte dos principais clubes cearenses, podemos destacar a grande diferença de arrecadação entre os clubes da Série A e Série B. Após o acesso, o Fortaleza E.C. projeta um acréscimo de receita de 136% (ou R\$ 32,7 milhões – em valores absolutos) enquanto que o Ceará S.C. planeja um aumento de “apenas” 27,3% (ou R\$ 15 milhões – em valores absolutos). A significativa diferença entre os incrementos de receitas programados pelos clubes não indica a existência de uma proporcional diferença de qualidade das administrações, apenas servindo para demonstrar a desigualdade dos padrões de arrecadação entre as diferentes divisões do Campeonato Brasileiro de Futebol.

**"AO
ANALISARMOS
OS DADOS
APRESENTADOS
POR
FORTALEZA E
CEARÁ,
PODEMOS
OBSERVAR OS
MÉRITOS DE
SEUS
DIRIGENTES"**

Em mesmo sentido, podemos destacar o exemplo do clube baiano Vitória, que fora rebaixado no Campeonato Brasileiro de 2018 e, por isso, projeta uma diminuição em sua receita de 55% (ou R\$ 32,7 milhões – em valores absolutos).

Assim, podemos concluir que o audacioso modelo de gestão adotado pelos grandes clubes cearenses apresentou bons frutos, pois os acréscimos de receitas (R\$ 32,7 milhões e R\$ 15 milhões) suplantaram os aumentos das dívidas (R\$ 7 milhões – no caso do Fortaleza – e R\$ 2 milhões). As dívidas aumentaram, mas o faturamento aumentou em uma proporção ainda maior. Ademais, Fortaleza e Ceará figuram como dois dos clubes da elite brasileira com as menores dívidas, enquanto o Tricolor de Aço apresenta uma dívida de R\$ 26 milhões (45,86% de seu orçamento para 2019) o Vozão exibe um passivo de R\$ 12 milhões (17,14% de seu orçamento para 2019).

O aumento de receitas implicará, de forma direta, no aumento do investimento na formação de equipes mais competitivas. Fortaleza e Ceará aprovaram orçamentos que permitem que seus departamentos de futebol profissional operem com uma folha salarial mensal no patamar dos R\$ 2,5 milhões. Todavia, mesmo com os incrementos de R\$ 1,3 milhões (Fortaleza) e R\$ 0,5 milhão (Ceará), as folhas salariais das equipes cearenses ainda são duas das menores da Série A, empatando com o Goiás – com os mesmos R\$ 2,5 milhões – e ficando à frente apenas de Avaí – com R\$ 1,7 milhões – e CSA – com R\$ 1,8 milhões). Como demonstrativo do abismo orçamentário, destacamos o fato de as folhas salariais de Palmeiras (R\$ 18 milhões) e Flamengo (R\$ 17 milhões) apresentarem um patamar 7 vezes maior que o das equipes alencarinhas (R\$ 2,5 milhões).

Os referidos números não demonstram apenas o abismo financeiro entre nossa principal liga de futebol profissional e as mais ricas do mundo (o faturamento do Brasileirão é 12 vezes menor que o da Premier League – Campeonato Inglês), mas atestam a desigualdade orçamentária dos clubes no âmbito nacional. E a referida distância ainda tende a aumentar, visto que as cotas de TV (maior fonte de receita de todos os grandes clubes brasileiros) aderiram ao modelo de produtividade, com a estipulação das cotas com base nos desempenhos esportivos (colocação final na tabela) e comerciais (audiência dos jogos transmitidos).

Assim, só nos resta torcer (e cobrar) para que nossos dirigentes continuem fazendo um bom trabalho administrativo, buscando novas alternativas de receitas (como maiores investimentos nas categorias de base, na fidelização dos torcedores, na melhoria dos acessos e acomodações dos estádios, foco nas possíveis arrecadações do matchday – uma das maiores fontes de receita nas grandes ligas do mundo e que pouco são consideradas pelas grandes equipes brasileiras), bem como solidificando as atuais (busca por contratos de TV mais lucrativos – especialmente no que concerne à venda do campeonato no mercado internacional, novos patrocinadores, engajamento nas redes sociais, dentre outras ações).

Diante de todos os dados já expostos, deve-se destacar a fulcral importância da busca pelo aumento de receitas para a permanente integração dos grandes clubes cearense no mais alto nível do futebol nacional, visto que oito dos dez clubes com maiores receitas e custos terminaram o torneio entre os dez primeiros nas duas últimas edições do Campeonato Brasileiro de Futebol.

Contudo, mesmo reconhecendo a relevância do dinheiro para a conquista de títulos ou objetivos (permanência na divisão ou vaga para competição continental – Sulamericana e Libertadores), prefiro terminar este artigo lembrando de casos excepcionais de campeões que apresentavam orçamentos bem inferiores aos de seus adversários, com destaque para os títulos da Copa do Brasil conquistados por Santo André (2004) e Paulista de Jundiaí (2005) e o da Premier League conquistado pelo Leicester (temporada 2015/16), que contava com uma folha salarial 4,5 vezes menor que a do time de maior investimento (o Chelsea – que investiu mais de R\$ 1 bilhão em folha de pagamento na referida temporada).

Ademais, devemos destacar as belíssimas campanhas das outras equipes cearenses nas outras divisões do Campeonato Brasileiro de Futebol, especialmente a do Ferroviário (que, mesmo conquistando o acesso à Série C na temporada passada, figura como um dos principais candidatos ao acesso à Série B) e a do Floresta (que foi até as quartas de finais da Série D do Brasileirão). Não obstante, devemos salutar a campanha e, especialmente, o novo modelo de gestão esportiva implementado pelo Atlético Cearense (sucessor do Uniclínica), que também realizou uma boa campanha na Série D (mas foi eliminado, precocemente, na segunda fase da competição pelo Bragantino – PA).

Assim, concluímos esta análise destacando que o ponto mais importante para que os objetivos esportivos das equipes cearenses sejam conquistados permanece sendo o comprometimento dos atletas e a organização tática da comissão técnica. O extracampo (parte financeira e estrutural – academia, campos, fisioterapia, nutrição, fisiologia, equipe de análise de desempenho, dentre outros) nunca foi tão importante para o sucesso dentro de campo, mas o futebol continua sendo o esporte mais apaixonante por ser o “ambiente” onde mais vezes “David venceu o Golias”.

A bola não entra por acaso! O gol (as conquistas) é o fruto do trabalho conjunto de todos os membros do clube – atletas, comissão técnica, colaboradores, dirigentes, imprensa e torcedores.

**"DEVEMOS
DESTACAR AS
BELÍSSIMAS
CAMPANHAS
DAS OUTRAS
EQUIPES
CEARENSES
NAS OUTRAS
DIVISÕES DO
CAMPEONATO
BRASILEIRO
DE FUTEBOL"**

Por fim, inspirado pela deslumbrante campanha do Ajax na última edição da Liga dos Campeões da UEFA (eliminando equipes com orçamentos bem maiores – como Real Madrid e Juventus – e quase eliminando o também poderoso Tottenham), cito uma frase do maior ídolo do clube e um dos maiores pensadores da história do futebol, que retrata muito bem o pensamento deste amante do futebol sobre a importância do dinheiro e do trabalho para a conquista dos êxitos esportivos, o reverenciado futebolista (jogador, treinador, dirigente e filósofo do futebol) Hendrik Johannes Crujff: “Por que você não pode vencer um clube mais rico? Eu nunca vi um saco de dinheiro fazer um gol!”



Rômulo Eduardo Oliveira Benevides é advogado, possui formação em eletrotécnica e atualmente cursa Bacharelado em Ciências Econômicas. É membro efetivo da Comissão de Estudos Políticos da OAB/CE.

The image features a background of horizontal stripes in the colors of the rainbow flag: red, orange, yellow, green, blue, and purple. The text "TEM TRANS NOS ESPORTES" is centered in a bold, white, sans-serif font with a thin black outline. The text is split across two lines, with "TEM TRANS NOS" on the top line and "ESPORTES" on the bottom line.

**TEM TRANS NOS
ESPORTES**

TEM TRANS NOS ESPORTES

POR:
ANA PAULA BRITO

A definição de transexual diz respeito às pessoas cuja identidade de gênero difere do que costuma ser associado ao sexo de nascimento, ou seja, a pessoa trans não se sente de acordo com o seu sexo biológico.

Em 2017, a atleta Tiffany estreou na superliga feminina de vôlei do time Bauru. Até os 27 anos, a jogadora era contratada pela liga masculina de vôlei, até decidir viajar para fazer a cirurgia de mudança de sexo. Sua liberação foi aprovada pela Confederação Brasileira de Vôlei, por ter apresentado a documentação jurídica e médica exigidas.

Com a contratação, surgiram as polêmicas!

Alguns atletas, técnicos e médicos fisiologistas divergem sobre os ganhos da atleta, pelo fato do tratamento hormonal ter iniciado após os 30 anos de idade, o que daria uma vantagem à jogadora, apesar de concordarem que, ao se submeter ao tratamento, Tiffany teria perdido força, velocidade e resistência. Segundo a Comissão Médica da Federação Internacional de Vôlei, é preciso estabelecer um sistema para a participação de atletas em competições na praia ou indoor que respeite a escolha individual de cada pessoa, ao mesmo tempo em que assegure condições justas em quadra.

Segundo o Comitê Olímpico Internacional, não é necessário fazer a cirurgia de redesignação sexual (CRS) para disputar competições femininas. Basta ter um nível de testosterona abaixo de 10 nanomols por litro de sangue durante todo o tempo em que estiverem competindo.

Indo em desacordo com os comitês internacionais, um projeto de lei, de autoria do deputado estadual amazonense João Luiz (PRB), pretende estabelecer o sexo biológico como o único critério para definição do gênero de competidores em jogos esportivos oficiais. Na prática, a lei, caso seja aprovada, proíbe a participação de transgêneros em equipes que correspondam ao sexo oposto ao de nascimento em jogos oficiais. Um projeto similar foi publicado em São Paulo e no Rio de Janeiro, em abril de 2019.

**"APESAR DE
TODA A
POLÊMICA
SOBRE UM
TRANSEXUAL
NOS
ESPORTES, É
PRECISO
PENSAR QUE
VIERAM PARA
SOMAR"**

A nossa Constituição Federal, em seu artigo 217, já garante autonomia às entidades desportivas, e a aprovação desses projetos só incitaria mais preconceito e dificuldades de inserção à uma coletividade tão discriminada e vulnerável em nosso país.

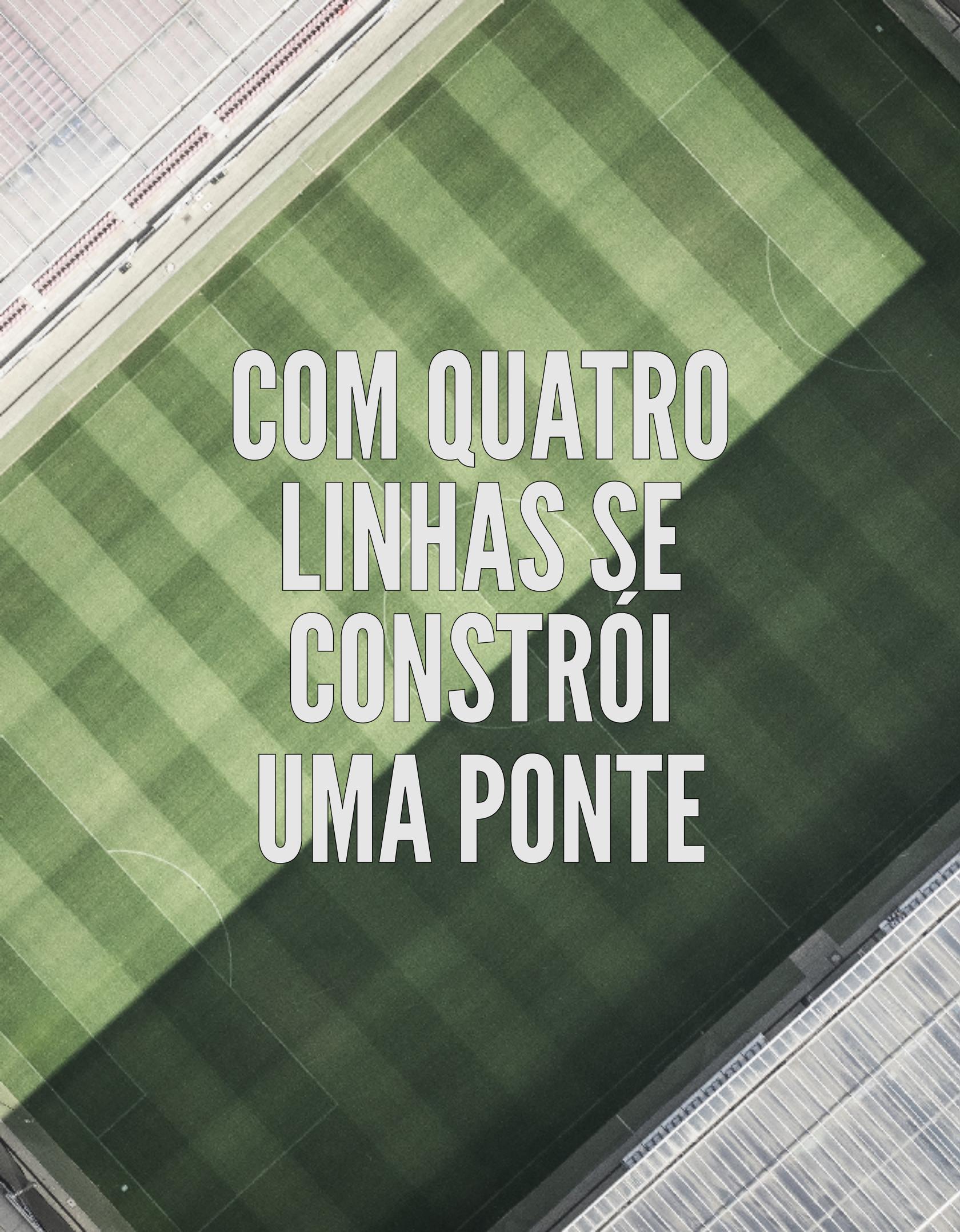
Apesar de todo o esforço para a igualdade de gênero e o reconhecimento de direitos inerentes a todo cidadão, como a dignidade da pessoa humana, direito de personalidade, isonomia e não discriminação, é principalmente quando os trans começam a se movimentar, lutar e tentar conquistar espaços que o incômodo aparece por meio do preconceito. Em 2017 foram registrados 186 assassinatos de pessoas trans, o maior número em 10 anos. O Nordeste liderou com 71 mortes, vindo em segundo lugar a região Sudeste com 62 mortes. No Norte e Sul registraram-se 16 e no Centro-oeste 15. Dados abaixo da realidade, se contarmos com suicídio e mortes não registradas.

O Comitê Olímpico Internacional acredita que todo atleta possui suas vantagens e desvantagens em relação a outros. Por exemplo, existem mulheres nos esportes com uma força muito acima da média: elas também podem ser consideradas injustas, e proibidas de competir? E as muito altas, deveriam ser proibidas de jogar esportes como vôlei e basquete? E as mulheres em menopausa seriam menos mulheres por causa de sua alteração hormonal?

Seria impossível equiparar a todos de maneira exata, pois cada pessoa tem sua anatomia e fisiologia única, somos seres diversos. E apesar de toda a polêmica sobre um transexual nos esportes, é preciso pensar que vieram para somar e fazer valer os seus direitos, e aos poucos estão construindo o seu espaço nos esportes.



Ana Paula Brito é advogada, especialista em Direito Público, e atualmente cursa Pós-graduação em Licitações e Contratos. É sócia-proprietária do escritório Brito Advogados Associados, pesquisadora e membro efetivo da Comissão de Estudos Políticos da OAB/CE.

An aerial photograph of a soccer field, showing the green grass and white markings. The field is surrounded by stadium seating, which is visible in the top-left and bottom-right corners. The text is centered over the field.

**COM QUATRO
LINHAS SE
CONSTROÍ
UMA PONTE**

COM QUATRO LINHAS SE CONSTRÓI UMA PONTE

POR:
FELLIPE SOUZA

"Futebol? Futebol não se aprende na escola!". Assim inicia a música Brazuca (Gabriel, O Pensador – 1999), que faz um paralelo entre o jovem brazuca que, saído da favela conquista o mundo como jogador da seleção brasileira. Zé Batalha, seu irmão mais velho, porém sem nenhum sucesso com a bola nos pés, não consegue se desvencilhar da sua realidade e leva uma vida igual a de seus próximos, de forma bem distinta daquele irmão que foi morar na Europa e conseguiu status e riqueza.

Esse é um cenário dos mais comuns no Brasil, onde o futebol, como esporte mais popular destas terras, consegue proporcionar melhores condições de vida de forma rápida e gradual aqueles que não tem acesso a recursos que promovam desenvolvimento pessoal por meio de uma educação de qualidade.

No Brasil, futebol está além de um esporte. Futebol é um fator de identidade nacional, que além levar o nome do país ao mundo inteiro, atua como fator de transformação social por si só. Transforma pessoas, famílias e comunidades inteiras, muitas vezes com mais efetividade do que políticas sociais.

O roteiro do jovem pobre que alcança o estrelato internacional através do futebol é o clichê favorito da cultura popular relacionada ao esporte. Superação, talento nato, ousadia, raciocínio rápido, qualidade de improviso e espírito coletivo são características que todo empregador espera de um empregado qualificado ao mercado de trabalho, assim como todo treinador espera de um camisa dez.

A Jornada do Herói, ou monomito, retrata o ciclo que ocorre com aquele que consegue se desvencilhar de uma realidade, muitas vezes ordinária, passando a alcançar uma outra realidade antes inimaginável, quiçá mágica, e por fim retorna, como herói, ao local de origem. Esse ciclo é comum a jogadores de futebol que saem de uma realidade inóspita e são colocados em um universo oposto que jamais seria possível senão por meio do esporte, principalmente o futebol.

**"ONDE HÁ
AUSÊNCIA DE
ESTADO, DE
POLÍTICAS
PÚBLICAS E
ATUAÇÃO
FAMILIAR,
ABREM-SE
ESPAÇOS
PARA QUE
OUTRAS
ATIVIDADES O
OCUPEM"**

Esse paralelo é possível, também, porque em meio a tantas dificuldades de uma considerável melhora na qualidade de vida do jovem pobre, muitas vezes privado de uma escola de qualidade, de saneamento básico, alimentação plena e desenvolvimento pessoal, o futebol sempre se torna uma alternativa acessível aos pais que veem no filho uma possibilidade, e nele apostam tudo.

Onde há ausência de Estado, de políticas públicas e atuação familiar, abrem-se espaços para que outras atividades o ocupem. Nesse sentido, tendo o futebol como atividade esportiva mais popular, é natural que crianças e jovens comecem sua prática nos primeiros anos de vida, dentro e fora da escola. Porém, nem sempre essa atividade perdura por tempo necessário para que o praticante possa desenvolvê-la de forma profissional ou mesmo de forma paralela ao desenvolvimento educacional.

Assim, em se tratando principalmente dos mais pobres, esses espaços são ocupados por atividades que fogem à natureza de cada criança, como o trabalho infantil, o auxílio nas atividades domésticas e em situação mais grave, o contato com as drogas, seja como usuário ou como traficante.

O futebol tem, voluntária ou involuntariamente, função social importantíssima no desenvolvimento pessoal e econômico de centenas de famílias, proporcionando-lhes condições que possivelmente jamais teriam em se tratando do curso normal de suas vidas.



Felipe de Souza Firmiano é advogado, pós-graduado em Sociologia e em Direito do Trabalho. É professor de Direito Empresarial e membro consultivo da Comissão de Estudos Políticos da OAB/CE.

FORA
do
Terror

POLÍTICA E FUTEBOL
NÃO SE DISCUTE

POLÍTICA E FUTEBOL NÃO SE DISCUTE

POR:
HUMBERTO BEZERRA

Discute sim. O homem é um ser político de nascença, e no caso dos brasileiros o futebol é uma paixão.

Na Grécia antiga existiam as chamadas Cidade-Estado, sendo o aspecto mais importante no desenvolvimento da civilização grega. As Pólis, como eram chamadas, abrangiam toda a vida pública da sociedade, onde os cidadãos organizados socialmente discutiam e elaboravam leis relativas à cidade, efetivando-se assim como instituição política.

A política se fortificou após a instalação das Pólis, concretizando-se em uma ciência de governança de um Estado ou Nação. A Política é um ato de negociar em face da compatibilização de interesses.

O sistema político é um mecanismo integrado à sociedade, que vislumbra proteger e gerenciá-la. Como todo sistema, a política tem seus moldes, quer sejam Monarquia, Democracia ou Tirania. Em um conceito mais abrangente, podemos dizer que a política é um somatório de regras e normas, que se interpõe a uma sociedade.

De tão complexa que é a política, nasce uma ciência para estudá-la. A Ciência Política, tem como objetivo interpretar as relações do Governo (Poder) e a Sociedade. Lembramos que o Governo é fruto do bem querer de uma sociedade, pois mais tirana que seja.

Vale salientar que a Ciência Política, inicialmente, teve uma abordagem filosófica, destacando pensadores como Maquiavel, Hobbes Montesquieu, entre outros. Atualmente a ciência política se entranha com diversas áreas de estudo, como Economia e Direito, por exemplo.

Os partidos políticos por sua vez, representam pensamentos e valores comuns de um determinado grupo de pessoas. Tais partidos norteiam as diferentes ideologias do sistema político democrático.

Reformar politicamente é necessário, pois a sociedade está constantemente em transformações, para tanto, necessita que a política acompanhe a evolução social.

Discutir política é um ato extremamente democrático e necessário, pois são os anseios sociais que geram a plataforma de uma sociedade. O homem moderno está atento às diretrizes políticas. É comum vermos na Europa,

EUA, Venezuela e Brasil, a sociedade atenta às metas políticas e suas transformações. Repudiar atos do Governo é uma forma política de se manifestar.

O Brasil está amadurecendo politicamente. Vivemos um panorama de mudanças ideológicas e conflitos sociais. Tudo isso é salutar, pois a evolução necessita da segmentação de ideias para se fortificar. Estamos atentos, dia-a-dia, aos julgamentos do STF, aos decretos do Governo, os índices da bolsa de valores, cotação do dólar. Todo este contexto é positivo e transformador.

O Futebol tem origem na Inglaterra; porém, existem registros de um esporte similar praticado pelos chineses desde 3.000 a.C. Também existem registros de esporte semelhante ao futebol na Roma Antiga.

Assim como na política, o futebol tem suas regras e normas. É um desporto de equipes, conjunto, e se tornou o esporte mais popular do mundo e movimenta bilhões.

A Copa do Mundo é um evento de suma importância para a economia de alguns países. O esporte em pauta chega a movimentar em torno de 270 milhões de pessoas seja de forma direta e indireta – compreenda-se os árbitros, treinadores, jogadores, assistentes, torcedores, entre outros.

Por gerar tantos empregos e movimentar grandes cifras financeiras, o futebol é beneficiado pela exaustiva propaganda, marketing e logística, gerando assim um culto ao consumo e envolvimento no ato esportivo.

Como na política, principalmente no caso brasileiro, as pessoas estão atentas às nuances do mundo futebolístico, como regras, campeonatos, convocação da seleção, estrutura dos times e suas respectivas escalações.

Como na Roma Antiga, onde o povo freneticamente assistia os gladiadores degladiando-se, a sociedade atual extravasa seus anseios nos jogos e nas relações em que se estruturam o futebol, como souvenirs, programas especializados e etc.

Futebol e política é um ópio para alguns ou simplesmente um mero contexto para outros. A política é essencial para uma sociedade, o futebol é um lazer.

"ASSIM COMO NA POLÍTICA, O FUTEBOL TEM SUAS REGRAS E NORMAS"



Francisco Humberto Bezerra Alencar é advogado, vice-presidente do Instituto Fórum de Direito Penal, secretário-executivo da Academia Cearense de Direito e conselheiro da Academia Brasileira de Direito. É membro efetivo da Comissão de Estudos Políticos da OAB/CE.

PARLAMENTARISMO ESPORTIVO



PARLAMENTARISMO ESPORTIVO

POR:
ISAAC ANDRADE

Existem duas maneiras de se resolver um problema de gestão. A primeira delas é dar conforto e estabilidade ao administrador, para que ele tenha condições de decidir e atuar como entender correto, a fim de atingir o objetivo desejado. Esta é a opção da paciência, tradicional nas metodologias de planejamento. A segunda opção é mais radical: cortamos a cabeça do gestor e colocamos outro em seu lugar.

Tratam-se, essencialmente, de duas visões distintas acerca da responsabilização do gestor e da sua capacidade real de obter resultados. Em simplificação grosseira, podemos dizer que essa dicotomia representa o espírito dos sistemas de governo. Enquanto o presidencialismo congela o governante em um mandato rígido e garante-lhe sobrevivência aconteça o que acontecer (ao menos em tese), no parlamentarismo o chefe de governo está sujeito à responsabilização pelos seus resultados.

Era de se esperar, portanto, em um rápido (porém falso) exercício de lógica, que a tolerância e estabilidade governativa permeasse a cultura política dos países presidencialistas. Ato contínuo, seria natural que esta filosofia contaminasse os demais setores da sociedade, como a gestão esportiva. Porém, estranhamente, o que se observa é o contrário. Tomemos, como exemplo, o Brasil e o Reino Unido.

A média de permanência no cargo de treinador de futebol na Premier League é de 14,5 meses. Os ingleses proporcionaram exemplos famosos como o de Arsène Wenger (23 anos no Arsenal) e Alex Ferguson (27 anos no Manchester United). Grandes equipes, sempre pressionadas por títulos, mas que fizeram várias campanhas fracassadas durante as duas décadas e meia que ficaram sob comando de um mesmo *manager*.

No Brasil, a média cai para 5,7 meses. Números bastante discrepantes para um mesmo esporte. O treinador que está há mais tempo no comando é Mano Menezes, técnico do Cruzeiro desde 2016, raríssimo caso de estabilidade na profissão. Convencionou-se, portanto, que o grande problema do futebol brasileiro é a falta de confiança dada ao treinador, sempre fritado na primeira derrota marcante. Mas isso seria mesmo um defeito?

Existem absurdos dos dois lados. Há treinadores no Brasil que são demitidos após 5 jogos, e há treinadores na Europa que emplacam 5 anos seguidos fazendo campanhas medíocres. O complexo de vira-lata que nos leva a valorizar tudo que vem de fora faz com que ignoremos inúmeras histórias de sucesso no futebol brasileiro, oriundas de uma troca de treinador com o torneio em andamento. Ganhamos a Copa em 1970 e em 2002 com troca de técnico a menos de 1 ano do mundial. Enquanto isso, a aplaudida estabilidade da Inglaterra não lhes rendeu sequer uma final de Copa do Mundo nos últimos 52 anos.

É verdade que há uma diferença enorme entre futebol de seleções e de clubes. Mas encontramos situações semelhantes dentro do próprio futebol inglês, como o Chelsea de 2012 conquistando a Champions League com um treinador interino, ao passo que os 23 anos de Wenger no Arsenal não foram suficientes para vencer uma vez sequer. Há casos e casos. Não existe uma fórmula única de sucesso, por mais que os detratores do futebol brasileiro tentem impor o modelo europeu.

Nós acreditamos no poder do gestor para entregar resultados, mais do que em qualquer planejamento ou acúmulo de fatores. Não toleramos uma administração ruim. Se não estiver funcionando, que vá embora. É aí que voltamos a perceber a sutileza da comparação entre sistemas de governo e futebol: o espírito do brasileiro é parlamentarista.

Não adotamos o presidencialismo porque este modelo representa a nossa cultura política, mas precisamente o contrário. Agredimos a nossa própria natureza para copiar um modelo estrangeiro – desta vez, o americano. Temos medo do que poderíamos vir a fazer caso tivéssemos a liberdade de trocar o governo sempre que desejássemos. Assim, garantimos que não seremos culpados por transformar o país num caos administrativo. O brasileiro não confia nos outros, e muito menos em si.

Seria o parlamentarismo uma opção melhor para o Brasil? Talvez. Talvez não. Só iremos descobrir se um dia o testarmos (de verdade, não aquele remendo de 1961). Um modelo genuíno, pensado para a realidade nacional, com instituições compatíveis e sem adulação estrangeira.

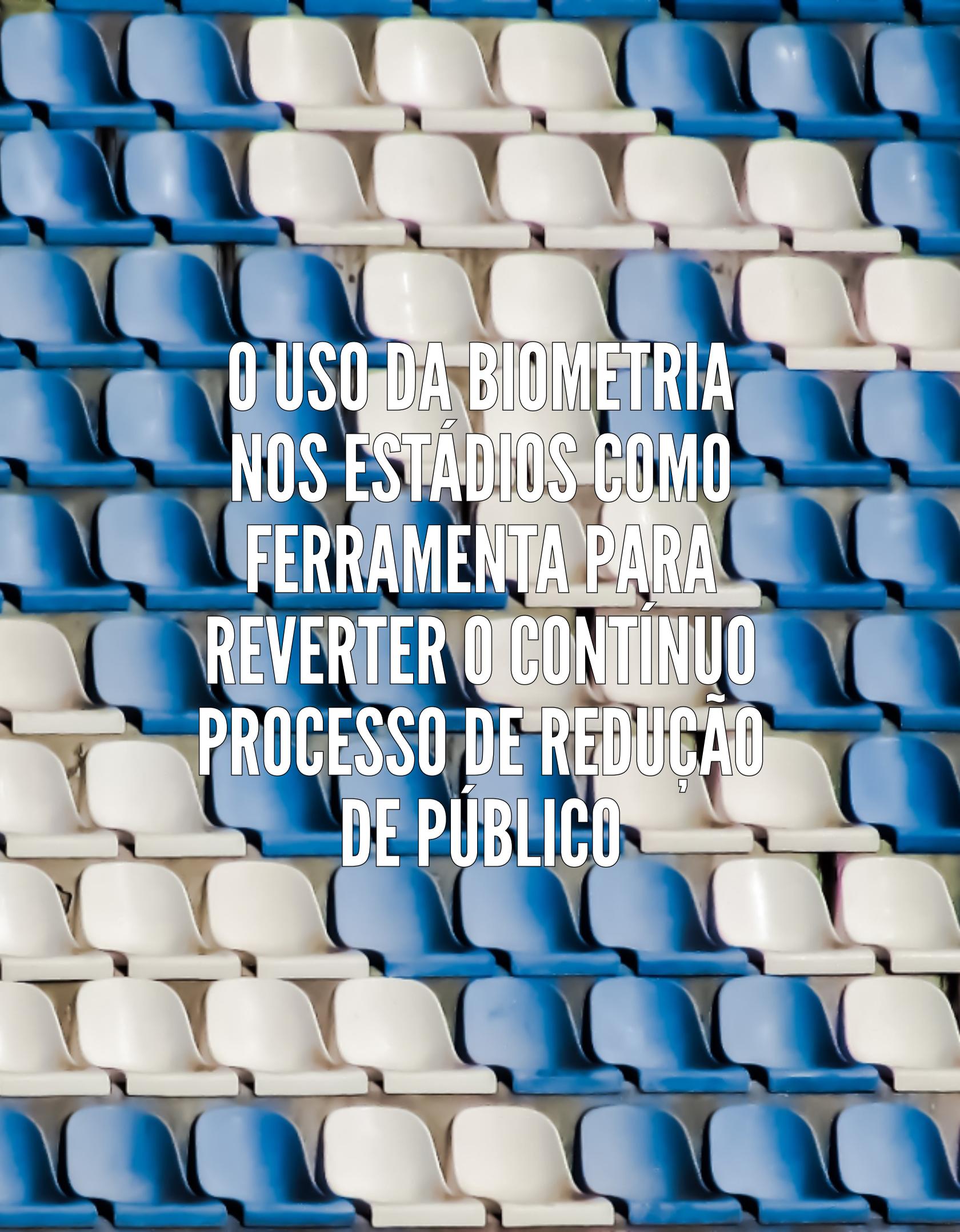
Mas, e se der errado?

Se der errado, nós trocamos.

**"O
COMPLEXO
DE VIRA-LATA
QUE NOS
LEVA A
VALORIZAR
TUDO QUE
VEM DE FORA
FAZ COM QUE
IGNOREMOS
INÚMERAS
HISTÓRIAS DE
SUCESSO"**



Isaac Sandro Pinheiro Andrade é advogado, contador e cientista político. Possui pós-graduação em Direito Tributário, em Filosofia e em Direito Eleitoral. Mestre e doutorando em Ciência Política. É sócio da Exitus Consultoria Empresarial e Presidente da Comissão de Estudos Políticos da OAB/CE pelo triênio 2019-2021.



**O USO DA BIOMETRIA
NOS ESTÁDIOS COMO
FERRAMENTA PARA
REVERTER O CONTÍNUO
PROCESSO DE REDUÇÃO
DE PÚBLICO**

O USO DA BIOMETRIA NOS ESTÁDIOS COMO FERRAMENTA PARA REVERTER O CONTÍNUO PROCESSO DE REDUÇÃO DE PÚBLICO

PQR:
RÔMULO BENEVIDES

Os especialistas do futebol brasileiro (dirigentes, parceiros comerciais e a mídia especializada) costumam apontar diversos fatores para a constante redução de público nos estádios de futebol (especialmente durante os campeonatos regionais), com destaque para os seguintes:

- I - O atual momento de recuperação de uma pesada crise econômica;
- II - A constante redução do nível técnico do futebol apresentado;
- III - As dificuldades de acesso aos estádios (mobilidade urbana);
- IV - O enfraquecimento dos programas de sócio torcedor (que diminuem o incentivo à fidelização dos torcedores);
- V - A maior comodidade de assistir ao jogo do time do coração no bar (com os amigos) ou no conforto de seu lar, pela TV (aberta, cabo aberto, pay-per-view e, até mesmo, por serviços de streaming.
- VI - O aumento do número de opções de entretenimento esportivo, tanto com a facilidade de acompanhar um maior número de esportes quanto de campeonatos internacionais.

Todavia, mesmo reconhecendo a importância dos referidos fatores para o afastamento dos torcedores dos estádios, o sentimento de insegurança nos estádios de futebol (um reflexo da sensação que permeia toda a sociedade brasileira) destaca-se como sendo a principal motivação para este fenômeno.

Diferentemente de outras nações que apresentam campeonatos de futebol profissionais bem estabelecidos, o Brasil não soube aproveitar a oportunidade de sediar grandes eventos esportivos (o Pan-americano de 2007, a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e as Olimpíadas de 2016). O protagonismo da organização dos palcos principais do evento (os estádios) fora afastado dos clubes de futebol e repassado à classe política (que pouco entendia sobre o assunto e preferiram dar outras destinações – escusas, na grande maioria dos casos – aos recursos públicos aquinhoados para as necessárias reformas das praças esportivas).

De outra ponta, este artigo prefere adotar um caráter propositivo e deixar estas infundáveis (mas necessárias) objeções sobre o descaso com os serviços públicos que rodeiam o futebol (especialmente a mobilidade urbana e a segurança pública) para um outro momento.

Assim, firmamos entendimento no sentido de que a sociedade civil organizada (com destaque para as instituições reconhecidas por militar pela defesa dos interesses da coletividade – OAB, Defensorias Públicas, Ministério Público Estadual e Federal) deve buscar auxiliar no enfrentamento dos problemas que vêm reduzindo o interesse popular por um dos patrimônios culturais do Brasil, nosso amado futebol.

Nesta senda, entende-se que o protagonismo do processo de recuperação do futebol brasileiro deve ser assumido por nossos Clubes/Agremiações. Ninguém torce por um parceiro comercial (patrocinador ou emissora de TV/streaming) ou por um jogador específico. O motor da paixão do brasileiro pelo futebol sempre foi (e muito dificilmente deixará de ser) o amor por nosso (ou nossos – como no caso deste amante do tricolor de aço e do alviverde imponente) clube “do coração”. Destarte, é de se esperar que nossa “cartolagem” (como popularmente são conhecidos os dirigentes dos clubes e das federações) “tome as rédeas” do processo e passe a coordenar os campeonatos de futebol profissional no Brasil.

É inconcebível um cenário onde o maior celeiro de craques do futebol mundial (o futebol brasileiro) não tem uma liga que figure entre as cinco mais valiosas do mundo do Futebol. Parece uma piada de péssimo gosto, mas é a nossa realidade.

Todas as tentativas de criação de uma liga para gerir os principais campeonatos do futebol nacional (podemos citar o Clube dos 13 – que organizou dois campeonatos brasileiros, a Copa União e a Copa João Havelange – e a Primeira Liga – que só organizou torneios regionais) sempre esbarraram na mediocridade da cartolagem brasileira, que não consegue transpor suas vaidades e interesses particulares para unir esforços na busca por melhores acordos comerciais e a organização de um calendário mais adequado. Esta falta de união dos grandes clubes reflete na qualidade do produto (é notório que o nível técnico do futebol jogado no Brasil sofre com um constante declínio) e, conseqüentemente, nas arrecadações.

Este processo vai na contramão do fenômeno mundial. Enquanto as grandes ligas de futebol (e de outros esportes – como NBA, NFL, MLB e NHL) vivem momentos de exponencial crescimento, a Série A do Campeonato Brasileiro mantém-se no caminho de estagnação. Os referidos aumentos são alavancados, principalmente, pelas arrecadações com marketing, com direitos de TV e com o matchday (dia do jogo). No Brasil, nossa arrecadação com direitos de TV (inclusive com o desastre na negociação com o mercado internacional) está estagnada, enquanto o faturamento com o marketing sofreu uma significativa queda após a saída da principal patrocinadora dos grandes clubes brasileiros (incluindo Ceará e Fortaleza) – a Caixa Econômica Federal.

"O PROTAGONISMO DO PROCESSO DE RECUPERAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO DEVE SER ASSUMIDO POR NOSSOS CLUBES"

Todavia, o principal problema está na desatenção ao potencial de arrecadação do matchday. Enquanto a Major League Baseball – MLB (campeonato norte-americano de basebol) e a Premier League (campeonato inglês de futebol) arrecadam, respectivamente, cerca de U\$ 2,256 bilhões e U\$ 718 milhões, nossa Série A registra meros U\$ 200 milhões de faturamento com o matchday. Mas o cenário é ainda pior quando verificamos a baixíssima taxa de ocupação dos estádios durante os jogos do Brasileirão, cerca de apenas 43%, enquanto a Premier League (Inglaterra) e a Bundesliga (Alemanha) apesentam, respectivamente, taxas de ocupação de 99% e 92%.

Ao analisarmos os principais fatores para a acanhada arrecadação durante os dias de jogo no futebol brasileiro e, especialmente, no cearense, podemos destacar a falta de uma estrutura física que forneça uma melhor experiência para os torcedores. O principal estádio cearense – a Arena Castelão – enfrenta diversos problemas de acessibilidade, o trânsito é complicado para quem optar por ir de carro particular ou de ônibus, sem falar da insensatez que é inexistir uma estação de metrô nas proximidades. Estádios de futebol necessitam da oferta de transportes públicos de qualidade para o acesso dos torcedores, mas sabemos que a realidade alencarina é bem diferente do que é o ideal (tanto no caso específico dos jogos quanto na rotina dos cearenses).

Não precisamos (nem pretendemos) identificar os culpados pela visível falta de inteligência no sistema de gestão dos estádios do futebol brasileiro. A existência do problema é notória. Nosso objetivo deve ser a busca por soluções para o enfrentamento do grave problema que o futebol brasileiro enfrenta, estamos praticamente com 60% dos estádios vazios. Mas podemos (e devemos) analisar por uma perspectiva positiva. Nenhuma das grandes ligas de futebol têm esse potencial inexplorado em termo de público e de serviço.

Todavia, mesmo reconhecendo as dificuldades no acesso ao estádio e a falta de estruturas que incentivem o consumo nos estádios (bares, restaurantes, museus, lojinhas - dos clubes e licenciadas – que vendam camisas oficiais e souvenirs), devemos ressaltar a preponderância da notória sensação de insegurança nos estádios.

Pior que os casos de violência é a sensação de insegurança. Os estádios brasileiros não são atrativos para as famílias. Além dos exorbitantes preços (se analisarmos a relação salário mínimo/ preço médio do ingresso, veremos que o futebol brasileiro apresenta o custo mais caro das grandes ligas de futebol, cerca de 4,48%, valor superior aos praticados pela Liga Espanhola - mais cara do futebol europeu – que apresenta uma relação de 4,24%), os pais e mães de família preferem não expor seus filhos aos “perigos” (roubos, furtos, agressões, presenciar cenas de violência, dentre outros) de ir a um estádio de futebol e acompanhar os jogos do seu time do coração no conforto de seus lares.

O futebol brasileiro necessita de trabalho, mas também de otimismo. E é com este olhar, vislumbrando um cenário de oportunidades, que destacaremos a alternativa trazida pelos administradores da Arena da Baixada (estádio do Clube Atlético Paranaense) para o enfrentamento do referido problema de sensação de insegurança. O pioneiro sistema biométrico da Arena fora implementado no ano de 2015 (em um setor de testes e estendido para todo o estádio no ano de 2017) e resulta de um convênio entre o Tribunal de Justiça do Paraná - TJPR a Companhia de Tecnologia da Informação e Comunicação do Paraná - CELEPAR, o Detran-PR, a Secretaria de Segurança Pública do Paraná e o próprio clube Atlético Paranaense.

O objetivo inicial era melhorar a qualidade do serviço prestado aos torcedores (consumidores) por meio da realização dos espetáculos em um ambiente mais seguro, visto que o sistema impediria o acesso de pessoas com mandados de prisão (diminuir o número de criminosos no ambiente), bem como auxiliaria na prevenção de ocorrências e possibilitando a punição dos responsáveis por infrações cometidas dentro do estádio.

O case de sucesso da Arena da Baixada só foi possível por causa do comprometimento da administração do estádio em transpor as dificuldades iniciais de implementação (longas filas para o cadastramento dos torcedores) e às instalações de um moderno sistema de monitoramento (que conta com 130 câmeras de alta resolução).

O caso da Arena da Baixada ainda é recente e, por isso, não é possível fazer uma análise substancial dos proveitos econômicos auferidos com a implementação do procedimento. Já sobre os ganhos com a sensação de segurança podemos citar a significativa redução nos casos de violência no estádio e a diminuição do número de criminosos nas partidas. Outrossim, cumpre o ressaltar do fato de que foram cumpridos 16 mandados de prisão apenas no ano de 2018.

E foi na esteira do êxito do projeto atleticano que os parlamentares do Congresso Nacional resolveram elaborar os Projetos de Lei 272/17 (do Senado) e 10.089/2018 (da Câmara), que objetivam a alteração da Lei nº 10.671/03 (Estatuto de Defesa do Torcedor). Em suma, as referidas propostas buscam compelir a entidade responsável pela organização dos eventos esportivos a instalar aparelhos de identificação biométrica que identifiquem os torcedores impedidos judicialmente de frequentar estádios esportivos.

Em mesmo sentido, devemos ressaltar os projetos do município de Curitiba (que busca compelir os outros dois grandes clubes da cidade – Paraná e Coritiba - a utilizar a biometria em seus estádios) e do estado do Rio de Janeiro (que já está em fase bem adiantada, especialmente com a expectativa de usar o estádio de São Januário como “laboratório”).

Ademais, cumpre o ressaltar de que o estado de Goiás aprovou, recentemente, legislação que obriga uso de sistema de identificação biométrica nos estádios de Goiás em todas as praças esportivas com capacidade superior a 10 mil pessoas (mas como a implementação é recente, ainda não temos a capacidade de analisar o seu resultado).

Quando analisamos o histórico do futebol cearense, percebemos que o poder público e os dirigentes de nossos grandes clubes já trataram da possibilidade de implementação do sistema de biometria no acesso ao nosso principal estádio – que ficou conhecido como projeto Torcedor Cidadão. Todavia, as conversas não foram conclusivas, visto que restou uma indefinição sobre quem seriam os responsáveis pelos investimentos de instalação (que, segundo estimativas realizadas pela equipe do jornal “O Povo”, ficaria em torno de três e cinco milhões de reais) e manutenção do sistema.

O debate aconteceu em um momento de luto da sociedade cearense, logo após a chacina ocorrida no Bairro Benfica (que este autor, infelizmente, presenciou) – em março de 2018 –, que fora considerado o resultado de uma disputa entre torcidas organizadas e facções criminosas. Com o passar dos dias, a “comoção popular” se esvaziou e o interesse do poder público se findou. Contudo, os Clubes (dirigentes e torcedores) não deveriam ter perdido a oportunidade de cobrar o apoio do poder público ou, até mesmo, assumir os custos com a implantação do sistema.

Diante do exposto, resta evidenciado que o uso da biometria se apresenta como uma excelente ferramenta na busca pela melhora na sensação de insegurança (e impunidade) nos estádios e, conseqüentemente, no aumento das arrecadações dos clubes com a venda de ingressos. Neste sentido, a biometria deve ser encarada como um investimento na infraestrutura do espetáculo e não como um projeto de segurança pública (que também será beneficiada pelo auxílio no cumprimento de mandados de prisão e pela facilitação na identificação de transgressores). Destarte, os responsáveis pelos custos de instalação e manutenção dos equipamentos devem ser os maiores interessados - os clubes de futebol e seus torcedores. Os custos podem até parecer elevados (por volta de R\$ 4 milhões), mas a possibilidade de retornos financeiros e esportivos (um estádio lotado costuma garantir melhores resultados para a equipe mandante – “efeito caldeirão”) é bem superior.

Por fim, devo destacar que o objetivo principal deste artigo é sugerir aos nossos dirigentes que mantenham-se firmes na busca pela profissionalização da gestão dos clubes e que as “disputas” fiquem apenas entre os torcedores (nas arquibancadas) e os jogadores (no gramado). A união de nossos “cartolas” é fundamental para a melhoria da qualidade do espetáculo e a superação do grande desafio que é disputar a elite do futebol nacional.

**"O USO DA
BIOMETRIA SE
APRESENTA
COMO UMA
EXCELENTE
FERRAMENTA
NA BUSCA
PELA
MELHORA NA
SENSAÇÃO DE
INSEGURANÇA"**

Ademais, se faz mister o destaque da importantíssima iniciativa das diretorias do Ceará S.C. e do Fortaleza E.C., que sabiamente deixaram as diferenças “de arquibancada” de lado e apresentaram uma proposta conjunta de administração do templo maior do futebol cearense, o Castelão. Com essa nova postura proativa, os clubes retirarão um “sócio” indesejado da relação (a empresa gestora do estádio) e assumirão as rédeas da gestão do estádio. Recentemente nossas equipes (e a torcida cearense) tiveram outra vitória, a liberação do consumo de bebidas alcoólicas nos estádios cearenses. Mais um fator que pode colaborar no aumento de público e, conseqüentemente, de arrecadação.



Rômulo Eduardo Oliveira Benevides é advogado, possui formação em eletrotécnica e atualmente cursa Bacharelado em Ciências Econômicas. É membro efetivo da Comissão de Estudos Políticos da OAB/CE.

A group of approximately 20 young boys are posed on a grassy field. They are wearing soccer uniforms, including dark blue and yellow jerseys, and some are wearing yellow bibs. One boy in the center foreground is wearing a yellow jersey with a green and white logo. In the background, a man in a dark blue shirt and shorts is smiling and holding a white and orange soccer ball. The field is surrounded by a white fence, and in the distance, there are several multi-story apartment buildings under a clear blue sky.

FUTEBOL E INCLUSÃO SOCIAL

FUTEBOL E INCLUSÃO SOCIAL

POR:
ANA PAULA BRITO

O termo “inclusão” designa o ato de inserir, introduzir, fazer parte de algo, e nesse caso, a inclusão social denota pertencer à sociedade e usufruir dos direitos como cidadão.

Mas e quando o cidadão só se depara com falta de oportunidades, injustiça social, preconceitos e desigualdades?

Pensando nisso, membros de uma comunidade do bairro Luciano Cavalcante, em Fortaleza, estão fazendo a diferença no Projeto Social do Santana.

O projeto Social do Santana surgiu em janeiro de 2016, comandado pelo policial civil Audázio Júnior e um grupo de 6 amigos, oferecendo atividades gratuitas. O estádio do bairro, que antes era palco de criminalidade, foi transformado num espaço de socialização e oportunidades para a comunidade. No início eram apenas 15 garotos treinando futebol, e as atividades oferecidas buscavam tirá-los da vulnerabilidade da violência e criminalidade, preenchendo o seu tempo ocioso.

A ideia foi abraçada por mais pessoas e a cada dia crescia o número de crianças, adolescentes e jovens nos treinos diários do futebol.

Graças a esforços em conjunto, saíram do nível de “apenas treinos”, para disputar competições oficiais. O esforço rendeu frutos; em 2017 conquistaram o vice-campeonato da copa Seromo de sub 20 e o vice-campeonato da copa Areninha sub 17. E em 2018 conquistaram o 3º lugar na copa Areninha sub 17. Um dos grandes destaques, fruto do projeto, é o jovem atacante Hitalo Pipoca, de 20 anos, destaque no campeonato de futebol Cearense Sub-20 pelo FC Atlético Cearense.

O grupo de voluntários cresceu, e hoje dez pessoas, de diversas profissões, como policial civil, treinador de futebol, serviços gerais, doméstica, cozinheira, motorista e almoxarife, se dividem na tarefa de tocar o projeto.

A agenda de atividades também cresceu, e foram acrescentadas mais 2 modalidades esportivas, o Jiu Jitsu e Muay Thai, com aproximadamente 100 participantes entre crianças, adolescentes e adultos, de ambos os sexos.

**"O FUTEBOL
TEM SIDO A
GRANDE
META PARA
MUITAS
CRIANÇAS
QUE JÁ
NASCEM COM
O ESTIGMA
DO PRECON-
CEITO"**

Além dos esportes oferecidos no projeto, a equipe ajuda no enfrentamento do desemprego dos pais de alunos, através de uma rede de serviços que cresce com a divulgação dos profissionais locais, seus serviços, e o comércio do bairro.

Segundo o fundador Audízio Júnior:

“Somos um grupo de 10 pessoas voluntárias, trabalhando em busca de deixarmos um legado às futuras gerações. Acreditamos que, através do esporte podemos salvar muitas vidas, tirando da criminalidade e gerando oportunidades e a esperança de um futuro melhor. Buscamos chegar ao nível de excelência nas atividades oferecidas e na estrutura do estádio, para atingir mais pessoas, oferecer mais cursos e qualificar pessoas que não tem condições de pagar”.

Apesar de todo o esforço, o projeto não conta com uma ajuda fixa de nenhum setor governamental ou privado. Ele sobrevive através de doações esporádicas de amigos, rifas, bazares e etc., mas eles sonham mesmo é em ter uma ajuda fixa, pois poderiam programar mais atividades e alcançariam mais vidas com mais qualidade e benefícios para a comunidade.

Inclusão social é isso, oferecer aos mais necessitados a oportunidade de se ter acesso a bens, serviços e atividades dentro de um sistema segregado. E o futebol tem sido a grande meta para muitas crianças que já nascem com o estigma do preconceito gerado ou pela sua cor de pele ou por sua classe social.

Dessa forma, verifica-se que o trabalho em conjunto faz a diferença para a inclusão social da comunidade, apresentando propostas que possibilitem romper com a exclusão, que culpa os jovens e segrega-os, propondo uma prática que promova o laço social no lugar da destruição.



Ana Paula Brito é advogada, especialista em Direito Público, e atualmente cursa Pós-graduação em Licitações e Contratos. É sócia-proprietária do escritório Brito Advogados Associados, pesquisadora e membro efetivo da Comissão de Estudos Políticos da OAB/CE.